



Universidade de Brasília  
Instituto de Psicologia  
Coordenação dos Cursos de Pós-Graduação *Lato Sensu*

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM E PARA OS  
DIREITOS HUMANOS, NO CONTEXTO DA DIVERSIDADE CULTURAL -  
EEDH

**O PAPEL DA RELAÇÃO ENTRE A FAMÍLIA E A ESCOLA NA  
ORIENTAÇÃO DOS VITIMIZADOS DO BULLYING.**

HERICA LUCIANA BATISTA

BRASÍLIA-DF  
2015



**Universidade de Brasília**  
**Instituto de Psicologia**  
**Coordenação dos Cursos de Pós-Graduação *Lato Sensu***

**HERICA LUCIANA BATISTA**

**O PAPEL DA RELAÇÃO ENTRE A FAMÍLIA E A ESCOLA NA  
ORIENTAÇÃO DOS VITIMIZADOS DO BULLYING.**

Monografia apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília \_ UnB, como exigência à obtenção do grau de Especialista do Curso de Especialização em Educação em e para os Direitos Humanos, no contexto da Diversidade Cultural.

**BRASÍLIA-DF**  
**2015**

Batista, Herica Luciana.

O papel da relação entre a família e a escola na orientação dos vitimizados do bullying. Herica Luciana Batista – Brasília, 2015.

~ f. 55: il.

Monografia (Pós-Graduação) – Universidade de Brasília, EF, 2015.

Orientadora: Diana Mara Gerber

HERICA LUCIANA BATISTA

**O papel da relação entre a família e a escola na orientação dos vitimizados do bullying.**

A Comissão Examinadora, abaixo identificada, aprova o Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação – Especialização em Educação em e para os Direitos Humanos, no contexto da Diversidade Cultural da Universidade de Brasília da aluna:

HERICA LUCIANA BATISTA

Diana Mara Gerber

Professor-Examinador

Professor-Examinador

Brasília-DF, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2015

## DEDICATÓRIA

A minha vó por ter me incentivado ao estudo e me ajudou a alcançar os muitos objetivos, ao meu filho que é meu grande companheiro;  
Ao meu amigo Melk que esteve sempre presente em todos os momentos importantes da minha vida.

## **AGRADECIMENTOS**

À Deus por ter me dado oportunidades de aprender com os obstáculos da vida;

À minha família;

Aos professores que planejaram esta especialização;

Aos meus colegas de trabalho pela compreensão e colaboração;

Aos participantes da pesquisa pelas informações coletadas.

Temos que ter em mente que é na aurora de nossa vida que devemos aprender a não tolerar qualquer tipo de violência, de preconceito e desrespeito ao próximo.

Fragmento

Ana Beatriz Barbosa Silva, 2010

## RESUMO

Este trabalho contempla um estudo sobre a relação interinstitucional família/escola na orientação educacional sobre o fenômeno bullying às crianças e adolescentes vítimas dessa prática antissocial. A sua problemática engloba o papel do vitimado e qual a melhor maneira de orientá-lo tanto no ambiente familiar quanto na escola, para que seja capaz de reagir positivamente e minimizar os danos causados. Assim, a pesquisa reflete um estudo fenomenológico de abordagem qualitativa com enfoque descritivo, a fim de verificar o grau de conhecimento dos alunos sobre o fenômeno bullying, suas crenças e concepções, as possíveis atitudes das vítimas frente a ação agressiva. Presume-se que a orientação transmitida pela família e pela escola, quando são informadas do sofrimento vivido pela vítima no ambiente escolar, pode impactar positiva ou negativamente sobre os sentimentos e atitudes do vitimado. Por fim, este estudo opina sobre possíveis ações afirmativas, no âmbito da relação interinstitucional, que possam amenizar o impacto desse problema no ambiente educacional.

Palavras chave: bullying, família, escola, orientação, atitudes.

## **ABSTRACT**

This work considers a study of the interinstitutional family/school relationship in the educational guidance on bullying phenomenon to children and adolescents victims of that antisocial practice. Its issue encompasses the role of the victim and what is the best way to guide him/her, both in the family and at school ambience, to be able to respond positively in order to minimize the damages. Thus, the research reflects an approach of phenomenological qualitative study with descriptive approach in order to verify the level of knowledge of students about bullying phenomenon, their beliefs and conceptions, the possible attitudes of the victims against aggressive action. One presumes that guidance transmitted by family and school, when they are told of the suffering experienced by the victim in a school setting, may impact positively or negatively on the feelings and attitudes of the victim. Finally, this study opines about possible affirmative actions within the inter-institutional relationship that may mitigate the impact of this problem on educational environment.

**Keywords:** bullying, family, school, guidance, attitudes.

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 01 - Categorização temática das questões

Quadro 02 – Instrumentos de coleta de dados

Quadro 03 - Quadro analítico das questões conceituais

Quadro 04 - Quadro analítico referente às crenças e concepções

Quadro 05 - Quadro analítico da questão de atitude tomada frente ao bullying

Quadro 06 - Quadro analítico referente à orientação da família e da escola

## SUMÁRIO

INTODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 1 - CONTEXTUALIZAÇÃO E DISCUSSÃO TEÓRICA.....	14
1.1 O QUE É BULLYING?.....	14
1.2 O AMBIENTE DA PESQUISA.....	16
1.3 AMBIENTAÇÃO DO PROBLEMA.....	18
1.4 A VÍTIMA.....	20
CAPÍTULO 2 - METODOLOGIA DA PESQUISA.....	22
2.1 NATUREZA DA PESQUISA.....	22
2.2 CONTEXTO DA PESQUISA.....	23
2.4 OJETIVOS DA PESQUISA.....	24
2.4.1 OBJETIVOS GERAL.....	24
2.4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICO.....	24
2.5 QUESTÕES DE PESQUISA.....	24
2.6 DESCRIÇÕES DO MÉTODO.....	25
2.7 PROCEDIMENTOS PARA A ANÁLISE DE DADOS.....	25
2.8 TÉCNICAS E INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	26
2.8.1 OBSERVAÇÕES.....	27
2.8.2 QUESTIONÁRIOS.....	27
2.8.3 ENTREVISTAS.....	29
2.8.4 RELATOS.....	29
CAPITULO 3 - APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS.....	31
3.1 MEMORIAL DESCRITIVO DAS PRÁTICAS DE BULLYING E DAS PERCEPÇÕES DOS ATORES.....	32
3.2 DAS CONCEPÇÕES SOBRE O PROBLEMA E ANÁLISE INTERPRETTIVADAS OCORRÊNCIAS DOS DADOS.....	32
3.2.1 Elenco dos dados brutos segundo aspectos conceituais.....	32
3.2.2 Elenco dos dados brutos segundo aspectos das crenças e percepções.....	34
3.2.3 Elenco dos dados brutos segundo aspectos de atitudes tomadas frente ao bullying.....	35
3.2.4 Elenco dos dados brutos segundo aspectos de orientação da família e da escola.....	36
3.3 CLASSIFICAÇÃO TÓPICO DAS OBSERVAÇÕES, ENTREVISTAS ERELATOS.....	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS.....	42
ANEXOS.....	44

## INTODUÇÃO

Este trabalho aborda a relação entre a família e a escola na orientação educacional de crianças e adolescentes vítimas do bullying. Este é um projeto que se justifica em virtude da crescente propagação da prática do bullying entre crianças e adolescentes, e de como podem ser maléficas a curto e longo prazo as consequências para quem sofre este tipo de abuso. Dentro e fora do ambiente escolar, há uma necessidade muito grande em diminuir essas ações que prejudicam a autoestima e a vida social do indivíduo que está sendo molestado.

Os esforços empreendidos, ou seja, os projetos, palestras e conversas realizadas dentro da escola na tentativa de erradicar esse fenômeno apresentaram resultados insatisfatórios, deixando lacunas significativas. Observou-se que mesmo após as medidas preventivas e corretivas, ainda assim continuavam as molestações, perturbações, condutas destrutivas, abuso nas relações interpessoais, agressões verbais e físicas e opressões. Concomitantemente ao comportamento introspectivo, atitude antissocial, timidez, dificuldade de expressão verbal, baixo rendimento, isolamento, agitação, ansiedade, desenvolvimento de transtornos, infrequência, evasão escolar, problemas de socialização e baixa autoestima.

Devido a esse quadro contínuo de falta de êxito, caracterizado pelo desequilíbrio das relações interinstitucionais (família e escola), a pesquisadora propõe uma análise do fenômeno, revisando os projetos e ações empreendidas, para compreender como as vítimas de bullying devem ser orientadas, a fim de sobrelevar suas próprias limitações e reverter os possíveis malefícios oriundos dessa conduta desumana. Essa pesquisa busca aprofundar o conhecimento sobre o tema, para melhor orientação dentro da prática no contexto escolar. Pois foi possível observar que durante as intervenções como conversas com os alunos e famílias, palestras e outras ações, em situações em que o bullying era o foco e que são frequentes no âmbito escolar, os resultados eram ínfimos, atingindo uma minoria.

Com o intuito de abordar o fenômeno a partir da relação interinstitucional família/escola, o presente trabalho se constitui de três capítulos desenvolvidos em três tópicos organizados da seguinte maneira: o primeiro capítulo apresenta a contextualização da situação problema e a natureza da pesquisa; nele delimita-se o tema e procede-se uma discussão

teórica. No segundo capítulo, descreve-se a metodologia juntamente com os procedimentos e técnicas empregados no desenvolvimento da pesquisa e relativos às ações interventivas. Ainda nesse capítulo, esboçam-se as perspectivas pedagógicas no contexto da discussão sobre os direitos humanos. No terceiro capítulo, apresentam-se os dados obtidos do questionário aplicado e das entrevistas realizadas no contexto socioambiental da pesquisa e os analisa à luz da discussão teórica previamente apresentada.

Sendo assim, no primeiro capítulo, se desdobra com as premissas que visam esclarecer o que significa essa prática. Depois apresento o ambiente de pesquisa cujo universo de é uma turma de 6ºano numa escola pública municipal do estado de Goiás, localizada no entorno do Distrito Federal. A ambientação do problema descreve o fenômeno como pertencente às relações psicossociais que interfere no comportamento dos envolvidos e que pode ter consequências físicas e psicológicas gravíssimas. Opina-se sobre a melhor forma de orientar às vítimas para que possam superar os danos causados e, por fim, caracterizar a vítima, seu comportamento, percepções, sentimentos e possíveis atitudes frente ao bullying.

No segundo capítulo, delinco a abordagem fenomenológica e descrevo o método, suas técnicas e procedimentos adotados para a coleta de dados, através de observações, entrevistas, questionário e relatos. Descrevo os parâmetros para uma análise interpretativa e defino a escolha do universo de pesquisa, a ambientação do problema e a participação do pesquisador como membro da comunidade pesquisada.

No terceiro capítulo, exponho os dados brutos, propondo uma categorização temática segundo os aspectos conceituais, crenças e percepções, atitudes frente ao bullying e orientações da família/escola. Depois, de separar os dados em quadros demonstrativos, procedo às inferências gerais relativas ao fenômeno estudado. Finalmente, discuto à luz teoria e observações, apresentando resultados análise de dados e tecendo considerações finais com propostas de ações afirmativa no combate à prática do bullying e seus efeitos nocivos.

# CAPÍTULO 1

## CONTEXTUALIZAÇÃO E DISCUSSÃO TEÓRICA

Este capítulo compreende uma leitura de conceitos e premissas que norteiam os estudos sobre o fenômeno do bullying no ambiente educacional. Seu impacto no processo psicopedagógico e as relações, no âmbito sócio interacional, entre os pares, a instituição e a família. Dividindo-se em quatro seções. Na primeira seção responde o conceito de bullying. A seção 1.2, mostra o ambiente de pesquisa. A seguir a seção 1.3 trata da ambientação do problema. E por fim a seção 1.4 apresenta a vítima do bullying.

### 1.1 O QUE É BULLYING?

Nos processos de interação social o que parece determinar o bem-estar das relações é o equilíbrio dos conflitos interpessoais. No ambiente escolar, que se constitui de uma mescla de diversos tipos sociais, vivendo sob a égide do processo educacional, o desequilíbrio dos conflitos relacionais é um problema frequente e de impacto negativo sobre o processo psicopedagógico<sup>1</sup>. O exemplo mais significativo desse tipo de desajuste comportamental se manifesta na forma de molestamento contumaz (bullying), caracterizado pelo desequilíbrio de forças no convívio social. De acordo com Ana Beatriz, bullying:

De origem inglesa e ainda não tem uma tradução no Brasil, é utilizada para qualificar comportamentos violentos no âmbito escolar tanto de meninos quanto de meninas. Dentre esses comportamentos podem se destacar as agressões, os assédios e as ações desrespeitosas, todos realizados de maneira recorrente e intencional por parte dos agressores. (SILVA, 2010)<sup>2</sup>

Esta definição é conhecida no vocabulário brasileiro há poucos anos, comparando-se à outros países na Europa e América do Norte e começou a ser difundida nos trabalhos de autores brasileiros como (FANTE, PEDRA, 2008) que começaram a se preocupar em como esclarecer aspectos do bullying para pais, alunos e professores. Ambos autores são empenhados nas campanhas antibullying. Infelizmente a expressão bullying se tornou conhecida mundialmente de maneira trágica no final dos anos 90 com diversos surtos, explosões internas, em que estudantes ou ex-estudantes de escolas americanas que adentraram as escolas em que tinham um vínculo social e afetivo, atiraram contra vários estudantes e

---

1 FANTE, Cleo; PEDRA, José Augusto. *Bullying escolar : perguntas & respostas*. Porto Alegre: Artmed, 2008.

2 SILVA, Ana Beatriz B. *Mentes perigosas nas escolas*, Rio de Janeiro, Objetiva, 2010. p. 21.

professores da escola, levando alguns a óbito, com o intuito de descontar a raiva e constrangimento que aquele ambiente representava.<sup>3</sup>

Relembrando um pouco na história da humanidade, sempre houve ações agressivas e contínuas no ambiente escolar e social, por meio de discriminações, rejeições que sempre, de certo modo, desestabilizam a pessoa vitimada. Se pensarmos em nossa infância com base os conhecimentos empíricos de uma pessoa adulta, percebe-se que em algum momento da vida já ocorreu pelo menos uma situação de bullying na vida de cada um, ou como vítima ou como agressor.

Inicialmente começa-se com brincadeiras bobas, que ganha teor pejorativo só para chamar a atenção de um determinado grupo como sendo forte, valentão, mostrar domínio de uma situação, sem motivos aparentes, por pura gozação. Geralmente o bully desfere suas ações contra pessoas fora de um padrão aceitável, nas concepções dele, por ter um defeito físico, usar óculos, ser gordinho, uma condição sexual não padrão, um motivo religioso, não ser de uma mesma raça ou um grupo social. Ações essas que se tornam cada vez mais frequente a ponto de haver crueldade e partir para a violência física e ou psicológica.

Essas brincadeiras são repetitivas e intencionais com a finalidade de intimidar causando sofrimento, constrangimento à vítima e caracteriza-se como bullying. De acordo com Silva (2010, p.21) procurarmos em um sinônimo da palavra agressor, tirano, mandão, valentão ou brigão encontraremos em um dicionário de língua inglesa a palavra bully. Então as ações desse bully quando feito da forma física ou psicológica de maneira frequente, com a intenção de constranger, humilhar, difamar a uma ou várias vítimas que aparentemente que não conseguem se defender:

O bullying é diferente de uma brincadeira inocente, sem intenção de ferir; não se trata de um ato de violência pontual, de troca de ofensas no calor de uma discussão, mas sim de atitudes hostis, que violam o direito a integridade humana. Ameaça o direito à educação, ao desenvolvimento, a saúde e a sobrevivência de muitas vítimas. As vítimas se sentem indefesas, vulneráveis, com medo e vergonha, o que favorece o rebaixamento de sua autoestima e a vitimação continua crônica. (FANTE E PEDRA, 2008, p.9)<sup>4</sup>

Esta pesquisa tem discute a temática do fenômeno bullying entre crianças e adolescentes na escola. Este é um problema mais antigo do que podemos imaginar, antes

---

<sup>3</sup> Nos Estados Unidos, dos 37 tiroteios que ocorreram em escolas, dois terços dos autores cometeram seus crimes como vingança por causa da vitimização bullying. Columbine e Virgínia Tech são exemplos de instituições onde o bullying levou a consequências lamentáveis. FANTE & PEDRA. *Op. Cit.* p. 10.  
<sup>4</sup> FANTE, Cleo; PEDRA, José Augusto. *Bullying escolar : perguntas & respostas*. Porto Alegre: Artmed, 2008. p.9

mesmo de estudiosos o definirem, esse fenômeno social que abarca todos os seres humanos com capacidade de raciocínio de uma maneira ou de outra alguma vez na vida. Segundo Ambramovay e Rua *apud* (ANTUNES E ZUIN 2008):

(...) a violência escolar é um fenômeno antigo em todo mundo e configura um “grande problema social”, podendo conforme já classificado pela ciência e adotado pelo senso comum, como indisciplina, delinquência, problemas de relação professor-aluno ou mesmo aluno-aluno, entre outros.<sup>5</sup>

O Estado possui um arcabouço de leis e regimentos que visam instituir programas preventivos, que tem por finalidade garantir os direitos da dignidade da pessoa humana, combater o bullying e incentivar a cultura da paz. As ações são efetivamente voltadas à formação dos educadores, atuação de equipe pedagógica e de orientação educacional, envolvimento da comunidade escolar em Conselhos Escolares, palestras e dias letivos temáticos.<sup>6</sup>

Apesar da escola sempre elaborar projetos, palestras, intervenções acerca do bullying, os alunos após todas essas tentativas de intervenções continuam se comportando como se não tivessem nenhuma informação sobre o assunto. Essa falta de assimilação é a causa de inquietação que move o presente trabalho. Ao que parece os atores no ambiente educacional não conseguem capturar a ideia do quanto esse fenômeno é, negativamente, impactante nos processos sociais da educação. Em virtude dessa inquietação, a presente pesquisa traz como eixo norteador as seguintes questões: Como é que a família e a escola podem orientar crianças e adolescentes desestimulando a prática do bullying? E como pode orientar de maneira mais eficiente a pessoa que sofre a ação dessa prática abusiva?

## **1.2 O AMBIENTE DA PESQUISA:**

Primeiramente, antes de apresentar o ambiente e os sujeitos da pesquisa, faz-se necessário a apresentação da pesquisadora que é servidora municipal como professora desde maio de 2004 e membro do corpo docente há oito anos na referente instituição de ensino onde se desenrolou a pesquisa. Segundo LUKE & ANDRÉ (1986, p. 11), a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal

---

<sup>5</sup> ANTUNES, Déborah Cristina; ZUIN, Antônio Álvares Soares. Do bullying ao preconceito: Os desafios da barbárie à educação. *Psicologia & Sociedade*; 20 (1) 33- 42, 2008. P.33-34.

<sup>6</sup> FANTE, Cléo. *Fenômeno Bullying: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. Verus editora, Campinas, 2005, p. 25.

instrumento. Esta supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e situação que está sendo investigada, via de regra, através do trabalho intensivo de campo.

O lócus de coleta de dados é uma escola municipal situada no Município de Cidade Ocidental, estado de Goiás, servindo toda a comunidade que está ao seu redor, não só bastando, quando solicitado pela Secretaria de Educação, a citada escola, também abre suas portas para alunos de bairros vizinhos. Esta se situa num bairro periférico de classe média baixa, que atende famílias carentes advindas de outros bairros considerados de razoável periculosidade e pouca segurança.

A escola ministra o Ensino Fundamental do 1º ano ao 8º ano, atendendo 850 alunos, fundada e mantida e administrada pelo poder público através da Secretaria Municipal de Educação, desde 1990. A referida unidade escolar funciona em dois turnos matutino e vespertino, respectivamente, com cinco horas de aula.

Sua estrutura física é composta de treze salas de aula, pátio coberto, uma quadra de esportes recentemente reformada e coberta, se encontrando em bom estado de conservação uma de secretaria, uma de direção, uma coordenação pedagógica, uma sala de orientação educacional dividida com o atendimento psicopedagógico, um de depósito de limpeza e material, uma cantina ampla com depósito de alimentos, uma sala de informática com dezessete computadores que também funciona o Programa do Mais Educação, pois foi reformada e ampliada em 2009. Esta é bem equipada com computadores, impressoras brinquedos pedagógicos, material para esportes, livros diversos, possui água encanada rede de esgoto adequada e boa iluminação.

O quadro administrativo comporta cerca de quarenta e cinco funcionários entre professores maioria efetivos, funcionários administrativos na secretaria, funcionárias da cantina e limpeza. Todos os professores são licenciados nas disciplinas que ministram e 60% deles têm pós-graduação e dois com mestrado.

O Projeto Político Pedagógico da escola prevê ações que visam respeitar as diferenças físicas, étnicas, de gênero e socioeconômicas. Assim a prática pedagógica é pautada no desafio de não apenas atingir conteúdos programáticos, seguindo o currículo e demais diretrizes da educação. Voltando-se também para o desenvolvimento psicossocial, no qual as relações interpessoais são peças fundamentais, essas relações se desenvolvem no

ambiente escolar, mas também recebe os reflexos das relações de outros grupos sociais (igreja, grupos de jovens e/ou crianças, grupos de esporte, família, programas sociais e a própria comunidade).

O desenvolvimento holístico inclui o amadurecimento saudável do jovem, o que pressupõe atenção e acompanhamento minucioso, além de transformações na escola e no ambiente familiar para redefinição de papéis, pois é no momento de transição etária. Nesse processo, há exigência de intervenção e envolvimento de todas as partes que compõe a formação do caráter do indivíduo. Segundo Silva, *para que haja um amadurecimento adequado, os jovens necessitam que profundas transformações ocorram no ambiente escolar e familiar. Essas mudanças devem redefinir papéis, funções e expectativas de todas as partes envolvidas no contexto educacional.*<sup>7</sup>

O bullying tem profundas implicações no processo de desenvolvimento psicossocial. Para que se possa falar de ações afirmativas no combate aos comportamentos nocivos à convivência e formação social, é necessário delinear a postura dos atores envolvidos no processo e sua relação socioambiental. O que interessa a esta pesquisa é observar a relação que a pessoa vitimizada de bullying desenvolve com o ambiente sócio educacional. Portanto, no que tange ao ambiente da pesquisa, pode-se dizer que a referida instituição apresenta evidências fortes dessas práticas e, conseqüentemente, seus resultados se manifestam no quadro geral de desempenho educacional, na infrequência e até na evasão escolar.

### **1.3 AMBIENTAÇÃO DO PROBLEMA:**

As práticas de bullying e suas conseqüências estão, diretamente, ligadas ao ambiente social onde elas são produzidas, tanto a causa como a conseqüência da molestaçã são frutos da interação social. Em outras palavras, tanto o agressor quanto a vítima sofrem influência do ambiente quando são por ele influenciados e os outros atores não podem estar imunes a essas implicações. O que se observa no universo da pesquisa é que a comunidade educacional parece considerar o problema à parte de suas relações, isto é, sem implicações diretas para as atividades educacionais positivas.

---

<sup>7</sup> SILVA, Ana Beatriz. *Bullying: Mentis perigosas nas escolas*, Rio de Janeiro, Objetiva, 2010. p. 63.

Nesse contexto, observa-se que a vítima de bullying, em razão da sua passividade, termina propiciando o ambiente favorável ao agressor. Isso não significa que o vitimizado seja o fomentador dos eventos de molesta o, mas implica que o agressor age em consonância com os sentimentos dominantes na maioria das vítimas. De acordo com Tognetta e Vinha:

(...) meninos e meninas que se fazem vitimas sentem-se constantemente ameaçados, não somente por um algoz, mas por uma constata o implacável no interior de si mesmos: “eu sou assim como ele diz”, “eu mereço ser chamada de...”, “eu não tenho como me libertar deles”. Essa ausência de valor talvez explique o fato de o fenômeno não ser visto aos olhos do educador: pode acontecer como no caso de Lucas, de a vítima ter um único modo de resolver seu problema, também provocando os colegas ou, ainda, buscando uma autoafirma o que lhe confirme a inser o naquele determinado grupo ao qual pertence e, então, que o alvo de bullying goste de ser tratado assim (...)<sup>8</sup>

Por um lado, de acordo com Karli apud (TOGNETTA & VINHA) a origem das práticas agressivas está na natureza do molestador, devido   sua forma o social.<sup>9</sup> Obviamente, o caráter se desenvolve no meio em que se vive, através da intera o social. Desse modo, a a o do agressor parece satisfazer a deficiência sentida pela vítima. Provavelmente, o agressor não v  sua a o como condenável em razão do vitimizado sentir-se merecedor daquele tratamento. Mas, outros atores circunscritos ao processo de forma o social não podem isentar-se dos efeitos do fenômeno, porque o indivíduo agressor   membro daquele grupo e suas a es interferem na qualidade do ambiente social.

A escola, objeto da pesquisa, apresenta uma ambienta o social desestabilizada mesmo quando os casos que se tornam not rios são poucos, mas há evidências de inúmeros casos que não tomam notoriedade e permanecem latentes. Uma das causas principais dessa falta de notoriedade   que as vítimas parecem não ter muita importância para o ambiente social. Em outros termos, os espectadores parecem achar de somenos determinados casos que,   luz da literatura científica, estão caracterizados como bullying. Nesse contexto institucional, mesmo as famílias mant m-se   parte do problema, buscando “explica es” outras para o estado afetivo-moral do vitimizado ou dos algozes.

Considerando que o principal foco desta pesquisa   compreender o papel das vítimas, seu estado afetivo-moral e as possíveis a es que o capacite a reconhecer seu valor no ambiente social e reagir às agressões, o caso do papel do agressor e suas implica es na ambienta o social não comportam o bojo deste trabalho. Entretanto, para delinear o

---

<sup>8</sup> TOGNETTA & VINHA. *Op. Cit.* p. 7.

<sup>9</sup> KARLI, P. *L’homme agressif*. Paris, Odile Jacob, 1987, p. 385.

comportamento da vítima é necessário apresentar nuances do comportamento agressor. No dizer de Arsênio e Lover, *apud* (TOGNETTA & VINHA) o agressor tem certo prazer em maltratar seu alvo.<sup>10</sup> Não pensa suas ações como condenáveis porque atribui ao agredido uma espécie de necessidade de ser vitimizado. Por outro lado, os espectadores, muitas vezes, fazem vista grossa para o problema. Consequentemente, as ações preventivas e corretivas produzem efeito mínimo, porque não propiciam a transformação necessária no ambiente sócio pedagógico e, além disso, não tem o devido suporte no ambiente familiar.

#### 1.4 A VÍTIMA

As vítimas dessa prática geralmente são aqueles que não se enquadram nos padrões ditos normais, que são socialmente inibidas, extremamente tímidas, não se expressam em público, tentam não chamar a atenção, tem algum defeito físico, como alguma parte do corpo é um pouco exagerada fora dos padrões de beleza, usam óculos, se mostram fragilizadas, ansiosas diante das situações. Na perspectiva de Silva, em geral as vítimas de bullying se caracterizam:

As vítimas típicas são os alunos que apresentam pouca habilidade de socialização. Em geral, são tímidas ou reservadas, e não conseguem reagir aos comportamentos provocadores e agressivos dirigidos contra elas. Normalmente são mais frágeis fisicamente ou apresentam alguma “marca” que as destaca da maioria dos alunos: são gordinhas ou magras demais, altas ou baixas demais; usam óculos; são “caxias”, deficientes físicos (...) usam roupas fora da moda; são de raça, credo, condição sócio econômica ou orientação sexual diferentes...<sup>11</sup>

Apesar de haver vários tipos de vítimas, a presente pesquisa direciona seus esforços no sentido de como as vítimas, em geral, podem ser orientadas pela família e pela escola, afim de que, mesmo existindo os agressores, ela possa superar as molestações a ponto de poder usufruir naturalmente a interação socioambiental.

Enfim, a vítima de bullying, de acordo com Silva, apresenta comportamento característico no ambiente escolar: isolamento, retração, inseguranças, ansiedade, infrequência, tristeza, depressão ou aflição. Pouco a pouco, desinteressam-se pelas atividades escolares, perde facilmente os materiais didáticos. Às vezes, apresentam hematomas, cortes, ferimentos ou roupas rasgadas. No ambiente familiar, apresentam sintomas de enfermidades,

---

<sup>10</sup> TOGNETTA & VINHA. *Op. Cit.* p. 8.

<sup>11</sup> SILVA, Ana Beatriz B. *Mentes perigosas nas escolas*, Rio de Janeiro, Objetiva, 2010. p. 38.

irritabilidade e sonolência no horário antecedente ao período escolar. Apresenta mudanças bruscas de humor. Tem poucos amigos e tornam-se descuidados com os afazeres escolares.

Finalmente, neste capítulo delineou-se a contextualização e o problema, com o fim de embasar a análise dos dados coletados, mostrando que há uma relação profunda entre as práticas agressivas e a ambientação socioeducativa. No próximo capítulo, se desenvolverá uma abordagem fenomenológica do problema, baseada na observação contextual e na aplicação de questionário, com o intuito de descrever a reação das vítimas de bullying, bem como a reação dos outros espectadores e propor uma análise crítica dessas reações.

## CAPÍTULO 2

### METODOLOGIA DA PESQUISA

Este capítulo constitui-se de quatro tópicos organizados da seguinte maneira: a seção 2.1 apresenta a natureza da pesquisa; na seção 2.2, apresenta os objetivos e questões de pesquisa; a seção 2.3, descreve o método de pesquisa; a seção 2.4 contextualiza o ambiente e os sujeitos da pesquisa; na seção 2.5 diz respeito aos instrumentos de coleta dos dados; e finalmente no último tópico, descreve-se os procedimentos para análise dos dados que será realizado seguindo as etapas de: entrevistas, observação, relatos e questionário.

#### 2.1 NATUREZA DA PESQUISA

Em alusão às perspectivas desta investigação, aplica-se uma abordagem qualitativa, focalizando os dados num viés fenomenológico que atrai o estudo nas experiências empíricas da sala de aula, e tem como finalidade buscar a compreensão da natureza do problema, para intervir nas ações errôneas, melhorando as relações existentes no ambiente escolar. Conforme RICHARDSON (2015, p.79) a abordagem qualitativa de um problema, além de ser uma opção do investigador, justifica-se, sobretudo, por ser uma forma adequada para entender a natureza do fenômeno social.

A pesquisa qualitativa ou naturalística, segundo Bordgan e Biklen *apud* (LUKE & ANDRÉ, 1986, p. 13) o estudo descritivo procura obter dados pelo contato direto entre o pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes.

Na perspectiva fenomenológica, que se corrobora ser muito difícil entender o comportamento humano sem levar em consideração seu ambiente natural e social. Segundo LUKE & ANDRÉ (1986, p. 15) de acordo com essa perspectiva, o pesquisador deve tentar encontrar meios para compreender o significado manifesto e latente dos comportamentos dos indivíduos, ao mesmo tempo em que procura manter sua visão objetiva do fenômeno.

Bordgan e Biklen *apud* (LUKE & ANDRÉ, 1986, p. 11) conceituam a pesquisa qualitativa, apresentando cinco tópicos como suas características: o primeiro apresenta que a fonte direta de dados do pesquisador é o ambiente natural; o segundo diz que os dados coletados são ricos em descrições pessoais, situações, acontecimentos, incluindo transcrições

de entrevistas e depoimentos, fotografias, desenhos e extrato de vários tipos de documentos; o terceiro fomenta que a preocupação com o processo é superior do que a com o produto; o quarto diz do significado, que é a tentativa de apoderar-se da perspectiva dos participantes, isto é, a maneira que os informantes compreendem o que está sendo focalizado; e por fim, o quinto diz que a análise de dados tende a seguir um processo indutivo em que os pesquisadores não se preocupam em procurar indícios que corroboram hipóteses definidas antes do prelúdio dos estudos.

## 2.2 CONTEXTO DA PESQUISA

Através de uma parceria entre escola e família foi desenvolvido um dos projetos que contempla o Projeto Político Pedagógico da instituição, com a temática do bullying, na qual os entes envolvidos abordaram o conceito e pelo diálogo transversal com os alunos foi possível trazer à tona exemplos, selecionar as atitudes que foram caracterizadas como bullying, e listar algumas possíveis consequências desse fenômeno tão prejudicial à boa convivência no ambiente escolar.

Os educandos mostraram-se bastante envolvidos e reflexivos quanto às situações que eles muitas vezes sofriam ou praticavam, porém, não enquadravam em atitudes que se caracterizassem por uma prática negativa e que hoje serve de estudo e pesquisa aos interessados na área da psicologia social, antes não nomeada, contudo, tão antiga quanto a instituição escolar. Portanto, todos presentes seriam passíveis de se enquadrar como um dos personagens dessa grave prática, quer no momento atual ou num passado remoto, seja como agressor, quer como vítima ou como expectador.

Em vista disso, sentiu-se a necessidade de se realizar esta pesquisa, a fim de compreender a magnitude e importância desse fenômeno no referido universo. Dessa maneira, fez-se, primeiramente, uma observação em *locus* num período de um semestre. Optou-se pelo modelo de observação que, segundo Richardson:

(...) definida em termos amplos não está restrita apenas ao que vemos; inclui todos os nossos sentidos. Portanto, devemos aprender a observar da maneira mais aberta possível para que possamos questionar-nos sobre o que, porque e como são os fenômenos.<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup> RICHARDSON, Roberto Jarry. *Pesquisa social: métodos e técnicas*, Atlas, São Paulo, 2015, p. 26.

Em seguida foi selecionada uma turma do 6º ano da Escola Municipal Edson André de Aguiar. A escolha dessa turma deveu-se ao fato de que ela se constitui de um público muito heterogêneo, tendo alunos de 11 à 15 anos, uns de acordo com a idade série e outros já repetentes, apresentando incidência de inassiduidade e baixo rendimento e históricos de comportamentos agressivos. Nessa classe, alguns indivíduos mostram dificuldade em seguir regras da escola e contratos pedagógicos, há também outros que se mostram bastante introspectivos, com comportamento tímido, falta de expressão oral, isolamento, retraído e aparentando insegurança. De acordo com Richardson: “a escolha de um local adequado de pesquisa e familiaridade do pesquisador com os membros do grupo são aspectos fundamentais da pesquisa qualitativa.”<sup>13</sup>

## **2.4 OJETIVOS DA PESQUISA**

Nesta seção apresentam-se os objetivos e as questões de pesquisa que surgem pela necessidade orientar escola e família para desestimular a prática do bullying.

### **2.4.1 OBJETIVOS GERAL**

Demonstrar que a prática de bullying é mais comum do que parece, mesmo nas atividades de socialização, no ambiente escolar, a fim de conscientizar a comunidade escolar da necessidade de ações que coíbam a sua prática.

### **2.4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICO**

Classificar os tipos de sujeitos, as formas em que a prática do bullying pode ocorrer, e por fim, identificar quais são as consequências psicológicas, sociais e legais dessa prática nociva.

Descrever o papel da relação cooperativa entre a família e a escola nas ações que visam erradicar práticas dessa natureza.

## **2.5 QUESTÕES DE PESQUISA**

Como é que a escola pode orientar as crianças e adolescentes vítimas bullying, desestimulando essa prática?

---

<sup>13</sup> RICHARDSON. *Op. Cit.* p. 95.

Como é que a família pode orientar as crianças e adolescentes vítimas bullying, desestimulando essa prática?

## **2.6 DESCRIÇÕES DO MÉTODO**

No que diz respeito ao método, a pesquisa focaliza dados no viés fenomenológico, de acordo com Edmund Husserl *apud* (LEAL, 2009, p. 35) que trata do fenômeno do modo que ele se manifesta, cujo interesse é aprender a sua essência e a estrutura de sua significação. A presunção deste trabalho, com proposições indutivas elucidando a área de visão das hipóteses levantadas norteando para possíveis interpretações dos fenômenos observados. Por outro lado, conforme Lakatos e Marconi (1983, p. 46) a indução é um processo mental por intermédio do qual se infere uma verdade geral ou universal, não contida nas partes examinadas, a partir do exame dos dados particulares suficientemente constatados.

Por sua vez, para Richardson (2015, p.36), o método indutivo parte de premissas dos fatos observados para se chegar a uma conclusão que contém informações sobre fatos ou situações não observadas; da amostra particularizada para o universal (SALOMON, 2004, p.156). Já na concepção de Lüdke e André: o processo de coleta de dados se constitui em três etapas, na primeira, define-se o problema e escolhe-se o local a ser observado. A segunda consiste nos dados em que o pesquisador selecionou como sendo fundamental relevância para compreender e interpretar o fenômeno observado e, por fim, o terceiro estágio da pesquisa etnográfica consiste na explicação da realidade, com vistas a situar várias descobertas num contexto mais amplo.<sup>14</sup>

## **2.7 PROCEDIMENTOS PARA A ANÁLISE DE DADOS**

Inicialmente, expus os dados brutos e os selecionei, extraindo somente aquilo que é relevante. O parâmetro básico de relevância está na possibilidade de responder, pelo menos parcialmente, as perguntas de pesquisa referentes à problemática, de acordo ou contrária à perspectiva da pesquisadora. Proceder dessa maneira desvela a natureza dos fatos, permitindo interpretar a realidade pela escolha e abstração dos significados contidos nas respostas. Assim, pude fazer uma (re)leitura possível das concepções, a partir de inferências que possibilitem a comparação das respostas com a crença e as práticas cotidianas, i.e., comparar

---

<sup>14</sup> LÜDKE, M. & ANDRÉ, M. *Abordagens qualitativas*, EPU, São Paulo, 1986, p.15-16.

discursos e práxis; presumindo que as percepções são as bases das ações bem como dos discursos.

Deste modo, se procedeu a uma categorização temática elementar das questões que compõem o questionário do aluno; com o objetivo de acareá-las e tipificá-las quanto aos aspectos inerentes que refletem: a conceituação do fenômeno; as crenças e concepções acerca das práticas; atitude a tomada quando impacientar-se quando se sente vítima; orientação oferecida pela família/escola; juízo de valores do informante. Isso se procedeu no quadro 02 a seguir:

ASPECTO	OCORRÊNCIA
Conceitual	Questões 1 e 2.
Crenças e percepções	Questões 3, 4, 5 e 6.
Atitude frente ao bullying	Questão 7.
Orientações da família/escola	Questões 8, 9 e 10.

Quadro 01 - Categorização temática das questões.

## 2.8 TÉCNICAS E INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Nesta seção, descreve-se o instrumento de coleta de dados, o qual se constitui de uma pesquisa feita por meio do questionário, entrevistas e relatos das crianças, dos pais e dos professores e dos estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental, aproveitando o contexto da sala de aulas e demais dependências da escola.

INSTRUMENTOS		OBJESTIVOS	DATA DE APLICAÇÃO
Entrevistas	Docentes e Família	Ver a perspectiva e atitudes dos docentes e familiares, frente ao fenômeno e orientação oferecem.	Julho 2014 a setembro 2015
Observação	Atores e ambientação	Comportamento nas relações socioambientais.	Fevereiro a agosto de 2015
Relatos	vitimizados	Conhecer perspectivas e sentimentos sobre o sofrimento.	Março a junho de 2015
Questionário	discente	Ver a perspectiva do discente nos	05 de outubro

		aspectos conceituais, suas crenças e concepções, atitudes frente ao fenômeno e orientação recebida.	de 2015
--	--	---	---------

Quadro 02 – Instrumentos de coleta de dados

### 2.8.1 OBSERVAÇÕES

Em conformidade com Vianna (2003:1): “Ao observador não basta simplesmente olhar. Deve, certamente, saber ver, identificar e descrever diversos tipos de interações e processos humanos.” A observação baseou-se nas ações e reações vividas rotina no colégio dentro e fora da sala de aula, focalizando a leitura de mundo dos atores no universo da pesquisa, de modo receptivo e apreciável com vistas às percepções de outros elementos do referido *lócus*.

Richardson (2015, p. 26 e 259) afirma que o método científico fundamenta-se na observação do mundo ao redor, em termos amplos e não se restringe ao que vemos, mas inclui todos os sentidos. Entende-se que, ao incluir todos os sentidos, o observador deve enxergar além do que o simples contexto representa. O autor ainda acrescenta que “a observação, sob algum aspecto, é imprescindível em qualquer processo de pesquisa científica, pois ela tanto pode conjugar-se a outras formas de coleta de dados como pode ser empregada de forma independente ou exclusiva.”<sup>15</sup>

### 2.8.2 QUESTIONÁRIOS

O questionário baseou-se em projetos e palestras para pais e estudantes frequentemente realizados na instituição escolar. O que possibilitou a coleta de dados e entrevistas em ambiente natural. Este foi tomada como instrumento de pesquisa para levantar dados como e em que grau de frequência o bullying acontece.

Conforme Richardson, questionário é uma entrevista estruturada com as funções de descrever características e medir determinadas variáveis de um grupo social. Portanto, descrever de maneira adequada as características de um grupo pode contribuir<sup>16</sup> muito na

<sup>15</sup> RICHARDSON. *Op. Cit.* p. 259.

<sup>16</sup> *Idem*, p. 189.

análise feita pelo pesquisador, mas, além disso, pode corroborar nas tarefas de especialistas como planejadores e administradores.

No presente trabalho optou-se pelo questionário de perguntas fechadas, com alternativas ou respostas tricotômicas preestabelecidas, a fim de capturar características, ideias ou sentimentos dos entrevistados. Segundo o autor, esse tipo de questionário pressupõe que os participantes conheçam a temática ali abordada e também o pesquisador conheça bastante os grupos de participantes. Dessa maneira, é possível antecipar o tipo de respostas que podem ser dadas.<sup>17</sup>

Aproveitei os projetos, palestras e conversas realizadas na instituição com pais os alunos e professores para proceder ao estudo do fenômeno. Dessa maneira, antes da coleta de dados com os alunos, expliquei, brevemente, sobre o assunto abordado, a importância da pesquisa, pedi total concentração e honestidade da parte dos alunos ao responder o questionário que não tem o item de identificação. Este foi realizado em sala de aula no período de uma hora aula. A princípio, os participantes apresentaram-se ansiosos, temerosos, alguns até me perguntara se eu iria apresentar os dados para algum policial ou pessoa responsável pelo Conselho Tutelar do Município. Durante o período de resposta do questionário, primeiramente, começaram a brincar com a situação e depois foram se concentrando. Na medida em que respondiam e se identificavam com as perguntas, as suas feições e gesticulações foram criteriosamente observados.

A técnica de recolher os questionários diretamente dos alunos, pais e professores tem como objetivo a análise das respostas para comparar e verificar os tipos a frequência do bullying no ambiente escolar. Focalizando-se na experiência empírica em sala de aula e em consonância com a perspectiva de LUKE & ANDRÉ (1986:45) *que a tarefa de análise implica num primeiro momento, a organização de todo o material, dividindo-o em partes, relacionando essas partes e procurando identificar nele tendências e padrões relevantes*<sup>18</sup>.

Pedi aos estudantes que responderam o questionário para que eles propusessem medidas para diminuir essas ações em sala de aula e nas dependências da escola. Foi realizado coletivamente e confeccionado um contrato didático para ficar exposto na sala. Como a pesquisadora é membro do quadro que compõe comunidade escolar, pôde observar ao longo

---

<sup>17</sup> Idem.

<sup>18</sup> LÜDKE, M. & ANDRÉ, M. Pesquisa em educação: *Abordagens qualitativas*, EPU, São Paulo, 1986, p. 45.

do tempo os personagens desse fenômeno. Durante o tempo de observação notei que um número expressivo dos participantes se controlou em respeitar as regras propostas no contrato didático, pelo menos na presença de professores, coordenadores e direção da escola.

### **2.8.3 ENTREVISTAS**

Baseou-se na estreita relação entre mim, pais e professores da comunidade escolar, realizada de modo espontâneo. Tomei proveito dos eventos ocorridos como reunião de pais e horário vago dos professores. Nas entrevistas realizadas por meio de conversas informais e espontâneas segui a abordagem de GASKELL 2002 apud (SOUZA, BRANCO & OLIVEIRA) segundo a qual as entrevistas servem para comparar com as respostas dos questionários:

A entrevista qualitativa visa à compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações em relação aos comportamentos das pessoas em contexto socioculturais específicos. Em virtude desta característica, ela se torna útil na compreensão dos pontos de vista particulares dos entrevistados e dos grupos sociais.<sup>19</sup>

Quanto às entrevistas com pais e professores foi feita de maneira breve, com finalidade de investigar como eles reagem ao fenômeno, como procedem na orientação das crianças e adolescentes e o que eles sugerem para inibir essas ações. Boa porcentagem tenta resolver o problema de maneira amigável com conversas, outra porcentagem não sabem como proceder diante a situação e uma outra porcentagem dá a sugestão de resolver esse problema de maneira agressiva de modo a orientar a devolução da agressão. Me após várias conversas, discursões e palestras instrutivas sobre o problema, comprova-se diariamente que essas ações ainda persistem no ambiente sociedade escolar.

### **2.8.4 RELATOS**

Os relatos foram feitos de modo espontâneo, pois muitos alunos do educandário me conhecem desde o primeiro ano em que entraram na escola, alguns diariamente me pedem ajuda para conversar com quem os agrediu. Segundo Firestone e Dawson apud (LUKE & ANDRÉ, 1986:14):

(...) o estudo etnográfico apresenta muito material produzido pelos informantes, ou seja, histórias, canções, frases tiradas de entrevistas ou documentos, desenhos e

---

<sup>19</sup> SOUZA, Tatiana Y.; BRANCO, Angela Maria C.U.A; OLIVEIRA, Maria Cláudia S.L. Pesquisa qualitativa e desenvolvimento humano: Aspectos históricos e tendências atuais. Factal: Revista de Psicologia, v. 20 – n. 2, p. 357 – 376, jul./dez. 2008. p.366

outros produtos que possam vir a ilustrar a perspectiva dos participantes, isto é, a sua maneira de ver o mundo e as suas próprias ações.<sup>20</sup>

Com vistas a alcançar as pretensões deste trabalho, formulados os objetivos e questões de pesquisa que nortearão a análise de dados sob o foco do referencial teórico antes apresentado.

Após a coleta de dados do questionário, entrevistas, relatos e conversas informais, foi corroborado a frequência em que o fenômeno se apresenta dentro da instituição escolar e o quanto influencia na formação do indivíduo, podendo acarretar em danos a curto e longo prazo dos níveis leves até os mais severos, tanto do lado de quem pratica quanto do lado de quem sofre essa ação. Em outro momento, reuni com os alunos, expliquei o significado da expressão *bullying*; as formas em que ele pode se apresentar verbalmente, físico e material, psicológico, comportamental e moral; sexual e virtualmente; os tipos de personagens o agressor, a vítima e quem assiste; os tipos de consequências morais físicas, psicológicas e legais.

A próxima seção apresenta os dados cotejados e procede uma análise de caráter interpretativo sob a ótica fenomenológica. Finalmente, delinea uma proposta intervencionista segundo as considerações abstraídas a partir análise realizada, com o intuito de fomentar ações afirmativas interinstitucionais.

---

<sup>20</sup> LÜDKE, M. & ANDRÉ, M. Pesquisa em educação: *Abordagens qualitativas*, EPU, São Paulo, 1986, p.14.

## CAPITULO 3

### APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

No presente capítulo, apresento uma análise interpretativa dos dados coletados através dos instrumentos e procedimentos listados na metodologia, à luz das discussões teóricas, apresentadas no primeiro capítulo e sob a ótica dos direitos humanos e educação. Desta maneira, este capítulo foi organizado em três seções e que se desdobram em subseções. A seção 3.1 seleciona e categoriza os dados coletados dos questionários. Na seção 3.2 e suas subdivisões introduz a análise interpretativa, onde se verifica a coerência dos dados, entre si. Abstrai e discute as perspectivas dos estudantes sobre o tema. A terceira, 3.3, faz uma classificação tópica das entrevistas e relatos. Finalmente, a seção 3.4 apresenta inferências e interpretações possíveis concepções percebidas através da análise dos dados, das entrevistas e da observação, relativizando-as com os autores elencados no primeiro capítulo.

. A descrição fenomenológica das realidades abstraídas das respostas do questionário de pesquisa possibilitou as inferências e interpretações que passaram a compor as bases da análise interpretativa. Neste ponto, apresento e dialogo com dados cotejados com a intenção de delinear um memorial descritivo sobre as práticas de bullying e as percepções dos atores nas instituições envolvidas.

A partir das perspectivas dos docentes, discentes e familiares, focalizei os dados, especificamente, sobre a resposta do vitimizado em relação às práticas agressivas e os relativizei com as suposições teóricas contidas no capítulo primeiro. Busquei compreender o fenômeno bullying, analisando, preliminarmente, aspectos psicossociais, da relação família/escola no âmbito das práticas de bullying e, conclusivamente, quanto ao papel dessas instituições na orientação da vítima de bullying, a fim de este superar os traumas decorrentes dessa prática nociva.

Com vistas à abordagem fenomenológica, observei o comportamento dos envolvidos na pesquisa antes e durante a coleta dos dados, os quais foram selecionados à luz das perguntas de pesquisa, a fim de alcançar os objetivos propostos, que buscam responder à questão de como a família e a escola podem orientar o vitimizado do bullying.

Por essa razão, o presente trabalho observa o fenômeno bullying entre crianças e adolescentes na escola, focalizando-se no melhor direcionamento para a família e escola desestimularem as práticas do bullying, apontando o que as crianças conhecem sobre o assunto, as perspectivas delas em relação ao que a família e a escola fazem diante do problema durante o processo de autoafirmação social, como a vítima do bullying em um ambiente do 6º ano do ensino fundamental, crianças entre dez a quatorze anos, descrevendo comparando e intervindo para o sucesso das relações existentes no ambiente escolar. Este tem como intenção orientar a escola e a família para minorar os danos psicológicos e sociais de crianças e adolescentes com base nos fundamentos da Lei N. 8.069, de junho de 1990, Estatuto da Criança e do Adolescente:

Art.3º. A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que se trata esta lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

### **3.1 MEMORIAL DESCRITIVO DAS PRÁTICAS DE BULLYING E DAS PERCEPÇÕES DOS ATORES**

As respostas dadas, nas questões de aspectos conceituais, 1 e 2, do questionário; permitem inferir o grau de conhecimento do discente sobre o problema, a partir de uma interpretação contextual, inclusive combinando com as observações, entrevistas, relatos e atividades institucionais sobre o tema. Já no que diz respeito crenças e percepções sobre bullying, questões 3, 4, 5 e 6; propiciam inferências sobre autoconhecimento e a relação do envolvido com o ambiente escolar e familiar. A questão 7 abrange a atitude da vítima frente ao bullying. Nas questões 8, 9 e 10 discute a orientação das instituições envolvidas.

### **3.2 DAS CONCEPÇÕES SOBRE O PROBLEMA E ANÁLISE INTERPRETTIVA DAS OCORRÊNCIAS DOS DADOS**

#### **3.2.1 Elenco dos dados brutos segundo aspectos conceituais**

Referindo-se ao conhecimento dos educandos sobre o que é o bullying, um pré-adolescente define: *é uma coisa muito estranha que umas pessoas fazem só pra humilhar os outros ou então se divertir... também acho deveria ser crime, porque as pessoas fazem bullying em todo lugar e as que sofrem bullying termina virando bulinador ou pode até se matar...* (sic) Essa perspectiva combina com diversas outras colhidas em relatos ou do próprio questionário, onde mais de 85% dos participantes concordam que essa prática é um crime.

ITEM	QUESTÕES	RESPOSTAS	QUANTITATIVO	
A	O que bullying para você?	a - uma brincadeira	1	2,85%
		b - um crime	31	88,57%
		c - não sabe definir	3	8,57%
B	O que você acha da pratica de bullying?	a- uma brincadeira sem graça que acontece de vez em quando	4	11,42%
		b- uma brincadeira sem graça de modo verbal que acontece frequentemente	16	45,71%
		c- uma brincadeira sem graça com agressão física que acontece frequentemente	15	42,85%
TOTAL			35	100%

Quadro 03 - Quadro analítico das questões conceituais.

Mais de 88% conceituam o fenômeno do bullying como crime. Se compararmos essa postura dos educandos nas respostas assentadas na questão 02, comparando com o percentual elevado de negação dado à questão 04 (você pratica bullying?), fica evidente que o conceito que apresentam do fenômeno influenciou nesta resposta. Além disso, observei, antes de responderem o questionário, que uma grande maioria estava preocupada se as respostas seriam apresentadas à polícia ou a direção da escola. Essa preocupação denota que compreendem a gravidade da prática de bullying no ambiente escolar.

Levando-se em consideração ao participante número 12 que foi o único a responder que no seu entendimento a ação é uma brincadeira, acredita que às vezes sofre bullying, mas em contrapartida responde que com ele não acontece bullying frequentemente. Já os participantes números 06, 15 e 35 não sabem definir o fenômeno, dois acreditam que às vezes sofrem bullying e um afirma sofrer. No que diz respeito à frequência dos fatos, dois respondem que acontecem de vez em quando e um responde que com ele não acontece bullying frequentemente. Por sua vez, entende-se que os alunos número 12 e 35 realmente não

saibam definir o fenômeno ou não entendam o que sentem quando ocorre um fato em que lhes tragam um desconforto social.

Acredito que a incidência maior dos participantes acreditarem que bullying seja um crime, deve-se ao fato de estar frequentemente nos meios de comunicação o assunto sobre cyberbullying em que algumas ações frequentes dessa modalidade de bullying podem se enquadrar-se em alguns artigos do Código Penal: Art.138. Caluniar alguém, imputando-lhe falsamente fato definido como crime; Art.139. Difamar alguém, imputando-lhe fato ofensivo à sua reputação; Art.140. Injuriar alguém, ofendendo-lhe à dignidade ou decoro.<sup>21</sup>

### **3.2.2 Elenco dos dados brutos segundo aspectos das crenças e percepções**

No que tange às crenças e concepções dos educandos acreditarem que sofrem ou que praticam bullying, mais de 45% acreditam que, às vezes, sofrem bullying e mais de 48% afirmam que não praticam. Os que acreditam que, frequentemente, sofrem bullying e os que não sofrem empataram com 45,71%, e a frequência dos que praticam bullying de vez em quando e os que não praticam também são muito próximos. Pode-se inferir, portanto, uma coerência entre os fatos observados no cotidiano escolar e as respostas das entrevistas e do questionário, porque os que acreditam não praticar bullying, também acreditam que, de vez em quando, o sofrem. Há também um equilíbrio entre os que dizem que sofrem de vez em quando e os que praticam de vez em quando. Consequentemente, pode-se inferir a existência um certo sentimento de naturalidade dos eventos relativos ao bullying.

ITEM	QUESTÕES	RESPOSTAS	QUANTITATIVO	
C	Você acredita que sofre bullying?	a- sim	8	22,85%
		b- não	11	31,42%
		c- às vezes	16	45,71%
D	Você pratica bullying?	a- sim	5	14,28%
		b- não	19	54,28%
		c- às vezes	11	31,42%
E	Qual a frequência que acontece os eventos de bullying e quando você sofre?	a- de vez em quando	16	45,71%
		b- sempre	3	8,57%
		c- não acontece	16	45,71%
F	Qual a frequência que acontece os eventos de bullying e quando você pratica?	a- de vez em quando	16	45,71%
		b- sempre	2	5,71%

<sup>21</sup> Código Penal\_ Decreto-Lei N. 3.914, de 9 de dezembro de 1941(1).

	c- não pratico	17	48,57%
TOTAL		35	100%

Quadro 04 - Quadro analítico referente às crenças e concepções.

Dos oito indivíduos que acreditam que sofrem bullying, cinco alegam que o evento acontece de vez em quando, já os participantes números 22 e 23 afirmam que acontece sempre, já o participante número 25 diz que não há frequência de bullying com ele. Acredito que ele não tenha internalizado o conceito do fenômeno ou não entende seus sentimentos.

Já dos cinco participantes que afirmam praticam bullying todos acreditam que sofrem essas mesmas ações às vezes. Confirma-se que, os alunos que sofrem também podem acabar virando bulinadores de outras vítimas. De acordo com Albino e Terêncio: *o bullying costuma provocar um ciclo perverso, no qual muitas vítimas em uma dada situação acabam se tornando os agressores de novos sujeitos em outras oportunidades, gerando um crescimento exponencial da violência.*<sup>22</sup>

### **3.2.3 Elenco dos dados brutos segundo aspectos de atitudes tomadas frente ao bullying**

No que diz respeito à atitude que os participantes tomam quando acreditam que de alguma maneira são vítimas do bullying, grande maioria, 40%, afirma que não contam para ninguém, dos que contam para a família e os que contam para o professor mais próximo o percentual fica bem aproximado. Confirma a ideia de, quem sofre essa ação, sofre de baixo-autoestima e receia por novos ataques. FANTE & PEDRA, respondem a pergunta: Porque entre as vítimas impera a lei do silêncio?

Alguns motivos colaboram para que a maioria das vítimas se cale: falta de apoio compreensão quando se queixam para os adultos; medo de represálias dos agressores; vergonha de se expor perante os colegas como incompetentes e fracotes; temor pelas reações dos familiares; mobilização de raiva voltada contra si mesma, pela incapacidade de defesa ou por concordar com os seus agressores, acreditando ser merecedora dos maus-tratos sofridos.<sup>23</sup>

ITEM	QUESTÕES	RESPOSTAS	QUANTITATIVO	
G	Quando você sofre bullying dentro da escola para quem você conta?	a- para o professor(a) mais próximo	10	28,57%
		b- para alguém da minha família	11	31,42%

<sup>22</sup> ALBINO, Priscila Linhares. TERÊNCIO, Marlos Gonçalves: Considerações críticas sobre o fenômeno do bullying: Do conceito ao combate e à prevenção. \*Revista Eletônica do CEAF. Porto Alegre-RS. Ministério Público do Estado do RS. Vol. 1. n.2. fev/maio 2012.

<sup>23</sup> FANTE, Cleo; PEDRA, José Augusto. Bullying escolar : perguntas & respostas. Porto Alegre: Artmed, 2008.

	c- para ninguém	14	40%
TOTAL		35	100%

Quadro 05 - Quadro analítico da questão de atitude tomada frente ao bullying.

### **3.2.4 Elenco dos dados brutos segundo aspectos de orientação da família e da escola**

No que trata do aspecto de orientação da escola, 42,85% entendem que não podem praticar bullying por ser um crime, 31,42% para não praticarem bullying, porque essa atitude não é correta, 25,71% para não fazer porque praticar bullying pode causar danos físicos, morais e psicológicos. Infere-se que, dos que responderam que a escola orienta da prática de bullying ser crime entra em conformidade com a resposta da questão 01. Já os que responderam que a escola orienta para não fazer porque não é correto ou por causar danos físicos morais e psicológicos, atribui-se à prática dos docentes em sala de aula. Em outras palavras, o conhecimento dos docentes sobre o problema, mostra que não estão aparelhados para uma orientação adequada acerca do fenômeno.

Na resposta do questionário que menciona a orientação que os participantes recebem da escola quando eles sofrem bullying, notei um aspecto positivo, 74,28% marcaram que a escola se compromete chamar os responsáveis de quem pratica bullying para conversar ou pelo menos faz essa tentativa, pois, observei poucos pais comparecem para tratar de assuntos relacionados à indisciplina e agressividade de seus filhos. O que é bastante coerente com o percentual de 65,71% de assegurar que quando os pais são informados, vão até a escola para verificar o ocorrido e pedir providência para que se amenize a situação de desconforto de seu filho(a).

ITEM	QUESTÕES	RESPOSTAS	QUANTITATIVO	
H	Qual é a orientação que você recebe da escola sobre a prática de bullying?	a- para não fazer, porque a prática de bullying não é correto	11	31,42%
		b- para não fazer, porque praticar bullying é crime	15	42,85%
		c- para não fazer porque praticar bullying pode causar danos físicos, morais e psicológicos	9	25,71%
I	Qual é a orientação que você recebe da escola quando sofre bullying?	a- que é melhor deixar de lado, que não vai acontecer novamente	4	11,42%
		b- que vai chamar o responsável de quem fez a brincadeira de mau gosto	26	74,28%
		c- ignora o fato ocorrido e não faz nada para resolver	5	14,28%

J	Qual é a orientação que você recebe da família sobre bullying?	a- não dá importância e acusa você de arrumar confusão sem motivo	7	20%
		b- dá importância ao ocorrido, vai até a escola para entender o que aconteceu e pede providência para resolver a situação	23	65,71%
		c- orienta a revidar a ocorrência do fato verbalmente e se precisar de forma física	5	14,28%
TOTAL			35	100%

Quadro 06 - Quadro analítico referente à orientação da família e da escola.

Os participantes número 11, 18, 21 e 30 responderam que a escola orienta a deixar de lado, que o fato do incômodo social e que o evento não irá acontecer novamente. Dois deles marcaram que a família se importa quando eles sofrem bullying, vão à escola para tomar providências e os outros dois responderam que a família não dá importância e ainda o acusa de arrumar confusão. Fato esse que contribui fortemente para a chamada lei do silêncio, pois as vítimas se sentem desamparadas tanto pela família quanto pela escola.

Outros seis participantes responderam que os pais orientam a revidar a ação do bullying verbalmente e se precisar também fisicamente. Mesmo assim, responderam que a escola também se compromete a chamar os pais de seus agressores. Constata-se, portanto, que estes são mais passíveis de se livrarem de seus agressores e superarem os traumas sofridos, pois se sentem confiantes tanto pela escola e família, apesar do fato de dar a orientação de revidar a ocorrência não seja a adequada, nota-se que o pai não ignora o que o filho passa na escola. Denota-se desse quadro que a omissão da escola ou da família parece ser pior do que a má orientação, como a dos exemplos acima. Muitos dos relatos de vítimas apontam a falta de quem lhe dê atenção à causa que desestimula a busca de auxílio nessas instituições.

### 3.3 CLASSIFICAÇÃO TÓPICO DAS OBSERVAÇÕES, ENTREVISTAS E RELATOS

Além do mais, em virtude da observação, das entrevistas e relatos, compreendi que o comportamento do agressor fica reafirmado na inércia do vitimizado, que por sua vez, se acha sem suporte e isola-se. Parece que o comportamento antissocial dos potenciais vitimizados é alimentado pela falta de atenção no ambiente escolar e no familiar simultaneamente. Portanto, é nessa lacuna de ação afirmativa das instituições que aumenta o desequilíbrio na relação de poder entre agressor e vítima. De acordo com Olweus *apud* (FANTE E PEDRA, 2008), *o bullying é compreendido como um subconjunto de comportamentos agressivos, sendo caracterizado por sua natureza repetitiva e por*

*desequilíbrio do poder.*<sup>24</sup> Por outro lado, observei que a relação entre os pares pode minimizar o impacto desse desequilíbrio de forças no convívio socioambiental.

Pensando na melhor maneira de orientar a criança ou adolescente vitimizado pela prática do bullying. Segundo Ana Beatriz Silva: *a escola deve (...) saber quais são as experiências e os sentimentos que seus alunos possuem em relação ao bullying*, a autora acrescenta que, nas estratégias escolares para combater essa prática, *os alunos devem ser estimulados a escrever uma autobiografia escolar, documentada, que garanta o anonimato de seus relatos.*<sup>25</sup>

O foco do ambiente escolar de nossa atualidade é tentar formar cidadãos completos, que estejam aptos a enfrentarem a realidade que os cercam, tanto no lado pessoal quanto no profissional com criticidade, respeito e cidadania. É na escola que cada indivíduo deveria aprender ir além dos conteúdos programáticos exigidos, com a inserção dos conceitos de direitos, deveres, cidadania, respeito ao próximo, isso no aspecto teórico e prático. Na referida instituição, nota-se que tenta abordar o aspecto teórico de cidadania. Acredito que os estudantes não internalizem o aprendizado com vistas aos variados exercícios práticos de desrespeito entre alunos, se a teoria e a prática não andam juntas, o aprendizado torna-se ineficiente.

No ano de 2014 a Secretaria de Educação Municipal de Cidade Ocidental, tentou adaptar o conteúdo de Ensino Religioso, que envolve o ensino dos valores e sociedade do primeiro ao nono ano com professores licenciados para esta área, este ano só deu continuidade do sexto ao nono, pois não havia profissionais em quantidade suficiente preparados para ministrar esta disciplina na primeira fase do Ensino Fundamental. Os profissionais destinados à ministrar Ensino Religioso do primeiro ao quinto ano estavam sobrecarregados com quantidades de escolas a ir para completarem a carga horária e diários. Este ano a Secretaria de Educação iniciou o curso de Ensino Religioso para dezenas de professores da Educação Infantil e Ensino Fundamental visando preparar o máximo de docentes. O Ensino religioso não focaliza a problemática do bullying, mas contribui nos ensinamentos de valores, virtudes e respeito ao próximo o que contribui para a temática dos direitos humanos. De acordo com

---

<sup>24</sup> FANTE, Cleo; PEDRA, José Augusto. *Bullying escolar : perguntas & respostas*. Porto Alegre: Artmed, 2008, p.39.

<sup>25</sup> SILVA, Ana Beatriz B. *Bullying: Mentas perigosas nas escolas*. Rio de Janeiro: objetiva, 2010, p. 163. FANTE, Cleo; PEDRA, José Augusto. *Bullying escolar : perguntas & respostas*. Porto Alegre: Artmed, 2008, p.107.

Silva (2014), a luta antibullyng deve ser iniciada nos primeiros anos escolares, pois esta antecipação das ações educacionais deve-se ao fato que as crianças menores têm o poder de propagar e difundir ideias.<sup>26</sup>

Acredito que com mais profissionais preparados, munidos de argumentos, força, vontade e agindo de forma contínua contra as práticas de bullying, como o hábito de beber água de hora em hora, a escola possa diminuir as ocorrências dentro da instituição.

Pensando na maneira mais adequada da instituição familiar orientar as vítimas é garantir que se cumpra a lei segundo a CF Art. 5º, X; Art. 6º; Art. 227 e a ECA Art.19. Além das funções afetivas e sociais que a família deveria oferecer como amor, carinho, atenção, zelo, proteção. Esta deve estar atenta às mudanças de comportamento da criança ou do adolescente, procurando investigar minuciosamente a procedência destas, para que haja uma melhor prevenção e orientação acerca do problema. Pois, quanto mais cedo identificado e tratado o problema, com uma orientação e ação positiva, menos risco terá desse indivíduo desenvolver algum transtorno psicológico que o deixará doente e com traumas que influenciará nas outras funções sociais e futuramente profissionais ou interferir no processo de aprendizagem.

Dentre as orientações e ações positivas, podemos observar vários exemplos de superações dentro das mais diversas esferas da sociedade, como esportistas, artistas plásticos, atores e atrizes, políticos, que foram capazes de transformar os constrangimentos, as dores físicas e emocionais em superação e aprendizado. Fante e Pedra (2008) relatam que: muitas vítimas recorrem aos profissionais de psicologia para ajudarem na auto-superação e que alguns conseguem ser resilientes e com o tempo superam seus traumas.<sup>27</sup>

Já as vítimas que não conseguem superar muitas vezes são prejudicadas em seu processo de ensino aprendizagem, tornando-os mais introspectivos e isolados ou desenvolvem problemas de saúde psicossociais. De acordo com Silva (2010), que descreve detalhadamente os sintomas psicossomáticos, transtorno do pânico, fobia escolar, fobia social, transtorno de

---

<sup>26</sup> SILVA, Ana Beatriz B. *Bullying: Mentres perigosas nas escolas*. Rio de Janeiro: objetiva, 2010, pp. 173-174.

<sup>27</sup> FANTE, Cleo; PEDRA, José Augusto. *Bullying escolar : perguntas & respostas*. Porto Alegre: Artmed, 2008, p.128.

ansiedade generalizada, depressão, anorexia e bulimia, transtorno obsessivo compulsivo, transtorno do estresse pós traumático.<sup>28</sup>

Dessa maneira, a seleção das respostas do questionário, combinada com os relatos e as entrevistas fornece pistas para uma ação positiva na relação interinstitucional, viabilizando o diálogo entre escola e família para orientar a criança molestada, a fim de diminuir os danos causados pelo bullying. Conclui-se da presente análise que a participação efetiva da família no acompanhamento da criança e adolescente no ambiente socioeducativo é imprescindível para orientação adequada do vitimizado pelo bullying. Além disso, a relação interinstitucional precisa ser constantemente avaliada, a fim de permitir que a vítima de bullying tenha o espaço e o acolhimento adequado para superar suas limitações e enfrentar o molestar, denunciar abusos e sentir-se protegido.

---

<sup>28</sup> SILVA, Ana Beatriz B. *Bullying: Mentos perigosos nas escolas*. Rio de Janeiro: objetiva, 2010. pp. 25-31.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A problemática do bullying no ambiente escolar e as influências das relações com a família e escola foi destrinchada nos objetivos e questões de pesquisa, que objetivam a orientação a ser ministrada para desestimular a prática do bullying entre as instituições correlacionadas e o melhor acolhimento e direcionamento para que vítimas possam transformar o constrangimento, o sofrimento, a dor física e emocional em que são submetidas em aprendizado e superação, para que os danos causados não persistam e interfiram nas fases subsequentes de suas vidas, assim cada vítima usando o seu poder de resiliência.

Atenciosamente, cabe ressaltar que ao refere-se, na seção 3.1 sobre o memorial descritivo sobre as práticas de bullying e as percepções dos alunos, objetivou-se no grau de conhecimento acerca do fenômeno analisado, as suas crenças, concepções, atitudes e no comando que a família e a escola oferece. Este, em nenhuma hipótese teve o intuito de julgar o caráter dos participantes pelas respostas emitidas.

No que se refere à primeira pergunta de pesquisa, foi satisfeita, pois notou-se que a escola faz tentativas para amenizar a problemática, se confirma com os aspectos observados nas ações pedagógicas e percentual das respostas no aspecto da atitude que a vítima tem quando molestado e no aspecto relacionado à atitude da escola ao lhe ser relatado o problema. Visando, poder melhorar sua postura em relação à uma orientação mais adequada ao incentivo de não praticar o bullying

No que diz respeito à segunda questão, foi positivo, as vítimas que relatam o fato aos seus familiares se sentem amparadas, pois maioria dos envolvidos no questionário afirma que em seus lares dão importância e vão até a escola para melhores esclarecimentos dos fatos. Mesmo que seja incorreto a orientação de revanche, o que causaria mais violência, nota-se que família dá atenção ao problema e orienta da maneira em que aprenderam, ou seja “olho por olho, dente por dente”. Triste, ainda é para as vítimas que sofrem agressão de seus agressores e ainda sofrem pela omissão pela principal entidade envolvida, a família. Pois a relação/trajeto da criança ou adolescente pela escola passa, ele aprendendo ou não, mas na família essa relação é mais duradoura.

## REFERÊNCIAS

ALBINO, Priscila Linhares, TERÊNCIO, Marlos Gonçalves. Considerações críticas sobre o fenômeno bullying: do conceito ao combate e à prevenção. Revista Eletrônica do CEAFF. Porto Alegre \_ R.S. Ministério Público do Estado do R.S. Vol. 1 n, 2, fev/maio2012.[http://www.mprs.mp.br/areas/biblioteca/arquivos/revista/edicao\\_02/vol1no2art4.pdf](http://www.mprs.mp.br/areas/biblioteca/arquivos/revista/edicao_02/vol1no2art4.pdf). Acessado em 19/11/2014.

ANTUNES, Deborah Cristina; ZUIN, Antônio Álvaro Soares. Do bullying ao preconceito: Os desafios da barbárie à educação. Psicologia & Sociedade; 20 (1) 33-42, 2008.<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v20n1/a04v20n1.pdf> Acessado em 20/11/2014.

CALHAU, Lélío Braga. *Bullying – O que você precisa saber: Identificação, Prevenção e Repressão*. Rio de Janeiro, Impetus 3ª Ed. 2011.

CALHAU, Lélío Braga, SCALON, Matheus. *Diário de uma vítima de Bullying*. Rio de Janeiro, Impetus 1ª Ed.2011.

FANTE, Cléo. Fenômeno Bullying: Como Prevenir a Violência nas escolas e educar para a paz. Campinas: Verus editora, 2005.

FANTE, Cléo; PEDRA, José Augusto. *Bullying escolar : perguntas & respostas*. Porto Alegre: Artmed, 2008.

LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de Metodologia Científica. 5ª Ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LEAL, Anália Rosa. Ensino de Língua estrangeira: um estudo comparativo entre métodos empregados por docentes de uma escola de ensino médio e curso de idiomas na rede pública. Brasília-DF: UNB/ CEAD, 2009.

LUDKE, Menga, ANDRÉ, Marli E.D.A. Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas. EPU, São Paulo: 1986.

NETO, Aramis A. Lopes. Bullying \_ Comportamento agressivo entre estudantes. Jornal de Pediatria \_ vol. 81, nº 5 (Supl), 2005. <http://www.scielo.br/pdf/jped/v81n5s0/v81n5Sa06.pdf> Acessado em 20/11/2014.

RICHARDSON, Roberto Jarry. *Pesquisa Social: Métodos e Técnicas*. São Paulo: Atlas, 2015.

SOUZA, Tatiana Y.; BRANCO, Angela Maria C.U.A; OLIVEIRA, Maria Cláudia S.L. Pesquisa qualitativa e desenvolvimento humano: Aspectos históricos e tendências atuais. *Factal: Revista de Psicologia*, v. 20 – n. 2, p. 357 – 376, jul./dez. 2008.

TEIXEIRA, Gustavo. *Manual dos Transtornos Escolares*. Best Seller 1ª Ed. 2013.

SILVA, Ana Beatriz B. *Bullying: Mentres perigosas nas escolas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

TOGNETTA, L.R.P.; VINHA, T.P. Estamos em conflito, eu comigo e com você: uma reflexão sobre o bullying e suas causas afetivas. In: CUNHA, J.L.; DANI, L.S.C.: **Escola, Conflitos e Violências**. Santa Maria: Ed. Da UFSM. ISBN 97885773911107 visitado <http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/Educacao/Doutrina/Bullying%20Estamos%20em%20conflito.pdf> Acessado em 19/11/2014.

VIANNA, Heraldo Marelim. *Pesquisa em educação: a observação*. Brasília: Plano Editora, 2003.

WENDT, Guilherme Welter; CAMPOS, Débora Martins; LISBOA, Carolina Saraiva de Macedo. Agressão entre pares e vitimização no contexto escolar: bullying, cyberbullying e os desafios para a educação contemporânea. *P@PSIC\_ Periódicos Eletrônicos em Psicologia*. Cad. Psicopedag. Vol. 8 no. 14. São Paulo 2010. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1676-0492010000100004&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1676-0492010000100004&script=sci_arttext) Acessado em 20/11/2014.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL (1)

CÓDIGO PENAL\_ LEI N.2.848, DE 7 DE DEZEMBRO DE 1940 (1)

ECA\_ LEI N.8.069, DE 13 DE JUNHO DE 1990 (1)

## **ANEXOS**